

# Manutenção e supressão de marcadores discursivos no processo de retextualização

(Maintenance and suppression of discourse markers in retextualization process)

Anita de Lima Simões Rodrigues

Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Universidade Estadual Paulista (UNESP)

anita.rodrigues@superig.com.br

**Abstract:** The aim of this work is to describe the behavior of the Discourse Markers (DMs) in retextualization process of journalistic interviews, observing the way that these elements act in the organization of the retextualized text. For the realization of this work, we assume the textual-interactive perspective (JUBRAN, 2006a), as the most appropriated theoretical approach. One of the main points of this perspective is that it considers that the pragmatic elements in the verbal action are not external to the textual production, but, instead, they are part of the interactional formulation of the text and can be observed in the textual materiality. Considering the process of retextualization, the results of the analysis pointed to a strong tendency to the maintenance of the predominant textual DMs, which work especially as *topic sequenciators*, and the suppression of predominant interactional DMs.

**Keywords:** discourse marker; retextualization; textual-interactive perspective.

**Resumo:** Este trabalho tem por objetivo descrever o comportamento de Marcadores Discursivos (MDs) no processo de retextualização de entrevistas jornalísticas, atentando para a forma como esses elementos atuam na organização do texto retextualizado. Para a realização deste trabalho, adotamos a abordagem teórica da perspectiva textual-interativa (JUBRAN, 2006a), que considera que os elementos pragmáticos presentes na ação verbal não são externos à produção textual, mas fazem parte da formulação interacional do texto e podem ocorrer na materialidade textual. Da análise do processo de retextualização, os resultados apontaram para uma forte tendência de manutenção dos MDs predominantemente textuais, atuantes principalmente como *sequenciador tópico*, e da supressão de MDs predominantemente interacionais.

**Palavras-chave:** marcadores discursivos; retextualização; perspectiva textual-interativa.

## Introdução

Este trabalho tem por objetivo descrever o comportamento de Marcadores Discursivos (MDs) no processo de retextualização de entrevistas jornalísticas, atentando para a forma como esses elementos atuam na organização do texto retextualizado. O conceito de retextualização adotado neste trabalho advém de Marcuschi (2001), que defende haver um processo consciente na passagem de um texto de uma modalidade a outra do uso da língua, no caso do presente trabalho, da modalidade oral para a escrita. Assim, quando uma entrevista oral é transformada em uma entrevista escrita, entram em ação diversas operações baseadas em regularização linguística, reformulação, adaptação e compreensão.

Consideramos a perspectiva textual-interativa, tal como definida por Jubran e Koch (2006a), a mais apropriada para guiar este trabalho, porque um dos pontos principais dessa perspectiva é a visão de que fatores pragmáticos são constituintes do texto. Desse modo, nosso trabalho contribui para o entendimento das funções textual-interativas que os MDs exercem na retextualização de entrevistas jornalísticas, à medida que procura descrever de que modo os MDs atuam na organização e construção dos sentidos no processo de retextualização.

Na literatura sobre MDs, encontramos várias definições do que são e como atuam esses elementos. Neste trabalho, seguimos a proposta de Risso et al. (1996, 2006), que consideram MDs elementos que atuam nas relações textuais e interacionais do texto, sinalizando pragmaticamente o monitoramento local da produção textual. Em geral, são expressões de até três sílabas tônicas, têm alta frequência de ocorrência, são exteriores ao conteúdo proposicional, mantêm parcialmente o aspecto semântico da classe que o origina, possuem formas relativamente fixas, são sintaticamente independentes, possuem demarcação prosódica e não são comunicativamente autônomos. Adotamos destes autores também a noção da gradiência entre as funções textuais interacionais e textuais dos MDs, em razão de um mesmo elemento poder projetar característica mais interacional, mais textual ou manter o equilíbrio entre essas funções, de acordo com o contexto de uso.

### **A Perspectiva Textual-Interativa**

Nosso trabalho fundamenta-se em uma perspectiva teórica que tem como preocupação o estudo da língua em uso, nas diversas situações comunicativas. A perspectiva textual-interativa entende a linguagem como “forma de ação, uma atividade verbal exercida entre pelo menos dois interlocutores, dentro de uma localização contextual” (JUBRAN, 2006a, p. 28). Desse modo, a linguagem é vista como manifestação da competência comunicativa dos falantes, ou seja, falantes de uma língua interagem por meio de texto, entendido como processo que envolve, ao mesmo tempo, a formulação verbal e a interação, e que é tomado como objeto de estudo dessa perspectiva. Por isso fala-se em estudo do texto falado, por exemplo, e não da língua falada.

Como define Jubran e Koch (2006a), para a perspectiva textual-interativa, os fatores pragmáticos presentes na ação verbal não são externos à produção textual, mas fazem parte da formulação interacional do texto, sendo observáveis na materialidade textual. Em outras palavras, na interação verbal, fatores pragmáticos atuam na constituição do texto, razão pela qual, sob essa perspectiva:

toma-se o texto como objeto de estudos, para dele depreender regularidades particularizadoras das formas de processamento das estratégias e mecanismos de estruturação textual e das correspondentes funções pragmático-textuais. (JUBRAN, 2006a, p. 31-32)

De acordo com Jubran e Koch (2007), na materialização da atividade interacional é possível identificar regularidades linguísticas, o que nada tem a ver com dicotomias como *língua x fala* ou *competência x desempenho*, mas com regularidades dos princípios que regem a atividade verbal.

Para o estudo de elementos, como os MDs, consideramos, da perspectiva textual-interativa, o *princípio da gradiência*, que prevê uma conjugação das funções textual-interativas nos processos de formulação textual e não a dicotomização delas.

Desse modo, fala-se em predominância de focalização, ou da informação ou da interação, mas não em exclusão de uma ou outra. Assim, os fatos a serem descritos por essa perspectiva devem ser considerados como pertencentes a um contínuo que comporte, de um lado, elementos que em determinado contexto assumem função mais textual e, de outro, aqueles que assumem função mais interacional no contexto. Entre eles, há elementos intermediários que, de acordo com os usos concretos, projetariam a

função mais interacional ou mais textual. Portanto, a perspectiva textual-interativa estabelece que as classes de análise não podem ser consideradas discretas, mas fluidas, já que os limites entre as categorias são dependentes das configurações discursivas.

Neste nosso trabalho sobre MDs no texto retextualizado, norteado pelo princípio acima exposto, tomamos como essencial a consideração de que esses elementos se encontram dispostos em um contínuo no qual se alocam os mais típicos e os menos típicos da classe. Pontos focais desse contínuo são definíveis somente a partir das características funcionais dos MDs (ou de qualquer outro elemento considerado), apreendidas no *Tópico Discursivo*.

Para a perspectiva textual-interativa, a noção de *tópico discursivo*, enquanto unidade abstrata de análise é definida como

uma unidade discursiva, não restrita ao turno, cujas particularidades estariam assentadas na integração de enunciados em um conjunto relevante de referentes e cujos limites seriam dados pela proeminência desse conjunto em determinado ponto do texto. (JUBRAN; KOCH, 2006b, p. 34).

## **O processo de retextualização**

Sobre retextualização, o primeiro ponto a ser esclarecido é que ela difere da transcrição. A retextualização não se caracteriza apenas pela simples passagem de um texto sonoro para um texto gráfico, mas há mudanças visíveis na linguagem, já que a retextualização envolve operações complexas. Não é a passagem de um texto desordenado da fala para uma ordem na escrita, mas a passagem de uma ordem para outra.

Para Marcuschi (2001), a retextualização pode ocorrer de quatro formas: da fala para a escrita, da fala para a fala, da escrita para a fala e da escrita para a escrita, e, nessa transposição, algumas variáveis podem interferir na produção linguística, tais como o propósito da retextualização, a relação entre o produtor do texto e o transformador, a relação tipológica entre os gêneros textuais do texto original e do retextualizado e os processos de formulação de cada modalidade.

Relativamente a esses postulados de Marcuschi, nesta pesquisa, investigamos a retextualização da fala para a escrita, uma vez que nosso corpus se constitui de entrevistas jornalísticas realizadas oralmente e sua contraparte impressa, veiculada em uma revista. Sobre as possíveis variáveis intervenientes, por se tratar de pesquisa baseada em corpus formado por entrevistas veiculadas na mídia, consideramos também, como possível variável o perfil da revista.

É importante salientar que a retextualização que envolve a passagem do oral para o escrito é um processo consciente, complexo e compreende operações baseadas em regularização linguística, reformulação, adaptação e compreensão. O fluxo das ações de retextualização inicia-se na produção oral, com a representação sonora, passa pelo processo de compreensão, sofre adaptações e perdas, até chegar ao texto final retextualizado, representado pela escrita.

## **Marcadores Discursivos**

No processo de retextualização, em virtude das diversas transformações que ocorrem na passagem de uma modalidade a outra da língua, muitos fenômenos podem

ser tomados como foco de análise, como questões relacionadas à modalização e à referenciação, por exemplo. No entanto, escolhemos como foco de nossa análise os MDs, por serem elementos muito estudados em contextos de interação oral, mas ainda muito pouco discutidos em contextos de escrita.

Para a análise dos MDs, optamos por adotar uma perspectiva que atentasse para o funcionamento desses elementos em situações reais de uso. Uma visão linguística de base funcional é, então, uma instância ideal para uma análise qualitativa das relações entre MDs e os contextos de produção em que eles ocorrem, razão pela qual baseamos na perspectiva textual-interativa, em acordo com Jubran e Koch (2006a) e com outros linguistas que promovem estudos nessa linha (RISSO, 1999; RISSO et al., 2006; RISSO et al, 1996; PENHAVEL, 2005a, 2005b; GUERRA, 2007), os quais entendem a linguagem como ação verbal realizada entre interlocutores em um determinado contexto, levando em conta os elementos da enunciação.

No interior da abordagem textual-interativa, um importante estudo que impulsionou muitos outros sobre os MDs é o de RISSO et al. (1996, 2006). Nesses trabalhos pioneiros, os autores estabelecem um *núcleo-piloto* de traços que identificam um elemento como MD, além de matrizes e traços identificadores. Para a composição de tal núcleo-piloto, foram analisadas dez variáveis: (i) *padrão de recorrência* (baixa, média e alta frequência); (ii) *articulação de segmentos do discurso* (sequenciador tópico, sequenciador frasal ou não sequenciador); (iii) *orientação da interação* (secundariamente orientador, basicamente orientador ou fragilmente orientador); (iv) *relação com o conteúdo proposicional* (exterior ao conteúdo, não-exterior ao conteúdo); (v) *transparência semântica* (totalmente transparente, parcialmente transparente ou opaco); (vi) *apresentação formal* (forma única ou forma variante); (vii) *relação sintática com a estrutura oracional* (sintaticamente independente ou sintaticamente dependente); (viii) *demarcação prosódica* (com pauta demarcativa ou sem pauta demarcativa); (ix) *autonomia comunicativa* (comunicativamente autônomo ou comunicativamente não-autônomo) e (x) *massa fônica* (até três sílabas tônicas ou além de três sílabas tônicas).

Após submeterem um grande grupo de MDs a todas essas variáveis, os autores verificaram que os traços mais fortes dos MDs são: (i) alta recorrência, (ii) exterioridade ao conteúdo proposicional, (iii) transparência semântica parcial, (iv) invariabilidade formal ou variabilidade restrita, (v) independência sintática, (vi) demarcação prosódica, (vii) não-autonomia comunicativa e (viii) massa fônica reduzida (RISSO et al., 2006, p. 414).

Os MDs também podem ter esses traços combinados a fatores das funções textual-interativas de articulação do discurso e de orientação da interação, que são: (i) *articulação tópica + orientação interacional fraca*; (ii) *articulação tópica + orientação interacional média*; (iii) *não-articulação tópica + orientação interacional forte*. A exposição dessa combinatória de traços, reproduzida de RISSO et al. (1996, 2006), parece-nos, no entanto, não contemplar totalmente o princípio da gradiência tal como proposto pela perspectiva textual-interativa, em razão de considerar a gradação presente apenas no segundo fator do par combinatório (*orientação interacional*), ficando o primeiro (*articulação tópica*) restrito a uma oposição binária de simples presença ou ausência. Levando-se em conta que um MD apresenta predominância forte de apenas um dos traços, parece-nos mais adequada a combinação de traços como: (i) *articulação tópica forte + orientação interacional fraca*; (ii) *articulação tópica média + orientação interacional média*; (iii) *articulação tópica fraca + orientação interacional forte*. Compare-se, no quadro abaixo, a proposta de RISSO et al. (2006), ao que aqui propomos.

**Quadro 1: Reformulação das funções textual-interativas dos MD**

Risso et al. (2006)		Proposta de reformulação	
articulação tópica	orientação interacional	articulação tópica	orientação interacional
Sim	Fraca	Forte	Fraca
Sim	Média	Média	Média
Não	Forte	Fraca	Forte

A partir dos trabalhos realizados no âmbito da perspectiva textual-interativa sobre os MDs, Guerra (2007) desenvolve um trabalho que refina as noções de MDs basicamente sequenciadores e MDs basicamente interacionais, definindo subfunções textual-interativas dos MDs. Para a realização de tal pesquisa, a autora definiu variáveis de análise. Com o cruzamento dessas variáveis e com a análise exaustiva de dados de textos orais, a autora analisou as subfunções predominantemente textuais, as subfunções predominantemente interacionais e a correlação entre forma-função dos MDs

Do trabalho de Guerra (2007), tomamos as subclassificações de funções dos MDs predominantemente textuais – introdução, sequenciamento e fechamento tópico – e dos MDs predominantemente interacionais – *checking*, *feedback*, injuntiva, iniciadora e interpelativa.

### **Contexto de análise: a revista *Caros Amigos***

De acordo com a orientação teórica deste trabalho, a perspectiva textual-interativa, torna-se imprescindível para uma investigação que considere dados efetivos de usos da língua, porque, sob tal perspectiva, a descrição de qualquer fato linguístico deve ser feita “dentro do contexto sociocomunicativo do qual emerge, a partir das marcas concretas que a situação enunciativa imprime nos enunciados” (JUBRAN, 2006a, p. 29). Assim, um modo de comprovar empiricamente postulados teóricos é o recurso metodológico à pesquisa em *cópus*.

No caso específico deste trabalho, que leva em conta o processo de retextualização de textos da modalidade oral para a modalidade escrita de uso da língua, há a necessidade de que o *cópus* seja formado por textos que explicitem essas duas modalidades. Assim, necessitávamos recorrer a textos que mostrassem a transformação do texto de uma modalidade a outra, obedecendo ao mesmo gênero textual que tais modalidades manifestam.

O *cópus* da pesquisa compõe-se de dez entrevistas publicadas na revista *Caros Amigos* entre os anos de 2005 e 2007 e as respectivas transcrições do áudio das gravações originais.

As entrevistas que fazem parte do *cópus* são de pessoas que têm ou tiveram, em algum momento, papel de destaque em algum ramo da sociedade. É importante destacar que as entrevistas que compõem nosso *cópus* são as consideradas mais importantes de cada edição. Todas elas são anunciadas na capa da revista com bastante destaque e, na maioria das vezes, é a foto do entrevistado que ocupa grande parte da capa.

De acordo com informações cedidas pela redação da revista, não há nenhum manual de estilo que determine o material a ser editado ou a extensão do texto final a ser publicado. Há apenas a sugestão de que as entrevistas impressas ocupem de sete a dez páginas da revista. Além disso, a revista não fornece previamente nenhum roteiro

para o entrevistado e tampouco os entrevistadores se valem de qualquer roteiro para a realização da entrevista.

Após fazer um levantamento completo dos MDs presentes nas entrevistas, elegemos como objeto de investigação apenas os MDs mais frequentes no texto retextualizado, que foram: *né?, não é?, mas, e, então, agora, quer dizer, aí, e aí, bom e olha.*

### Manutenção e supressão de MDs nos textos retextualizados

Na análise realizada para este trabalho, encontramos um grande número de MDs que se mantiveram no texto retextualizado, o que, em certa medida, aponta para a grande produtividade dos MDs tanto na construção de textos prototipicamente orais como na construção de textos retextualizados, que estão em posição intermediária entre o oral e o escrito.

Dentre os MDs com número maior de funções, *e* e *agora* cumprem as funções de *introdução, sequenciamento e retomada de tópico*, enquanto *então* e *mas* cumprem as funções de *sequenciamento, retomada e fechamento de tópico*. Os MDs *aí* e *e aí* são menos atuantes na *retomada de tópico* e mais no *sequenciamento de tópico*, função única que também se destaca para o MD *quer dizer*.

Vejamos um exemplo de como atua o MD *e*, mais frequentemente mantido na função de sequenciador tópico:

(01) Entrevista oral	Entrevista retextualizada
<p>C.A.: ô Lázaro falamos do:: do cinema você estava falando de mostrar o brasileiro não oficia::l que o Claudius falou de mostrar as cenas do dia a dia quando você acha que isso vai inundar a televisão que eu acho que... você acredita que isso vai chegar na novela você que fez teatro cinema e novela...</p> <p>L.R.: eu acho que televisão é mercado é dinheiro é interesse é ibope... e eu acho que tem um movimento do público muito saudável muito bonito que está acontecendo que é o interesse do público... pra essas coisas... e a televisão não é burra... eh:: e se interessa por dinheiro e acho que vai ter que abrir espaço... os autores vão ter que se preocupar com isso... eh:: os produtores de elenco vão ter que se preocupar com isso os diretores vão ter que se preocupar com isso e já começam a se preocupar porque eu lá dentro entrei na Globo agora este ano</p>	<p>C.A.: Você estava falando de mostrar no cinema o brasileiro não oficial; você acha que isso vai inundar a televisão, acredita que isso vai chegar na novela, você que faz teatro, cinema e novela?</p> <p>L.R.: Acho que televisão é mercado, é dinheiro, é interesse, é ibope. E acho que tem um movimento do público, muito saudável, muito bonito, que está acontecendo, que é o interesse do público pra essas coisas. E a televisão não é burra, e se interessa por dinheiro, acho que vai ter que abrir espaço. Os autores vão ter que se preocupar com isso, os produtores de elenco vão ter que se preocupar com isso, os diretores vão ter que se preocupar com isso, e já começam a se preocupar, porque eu, lá dentro, entrei na Globo agora, este ano...</p>

(LR, 118, p.35)

Nesse trecho opinativo, ao desenvolver o tópico “mostrar o brasileiro não-oficial na novela de televisão”, o entrevistado se vale, por diversas vezes, do MD *e* para introduzir argumentos para o tópico, tanto no texto falado como no retextualizado, como segue explicitado em (01’), nos trechos a seguir, repetidos.

(01')	Entrevista oral	Entrevista retextualizada
	<i>e eu acho que tem um movimento do público muito saudável muito bonito que está acontecendo que é o interesse do público... pra essas coisas...</i>	<i>E acho que tem um movimento do público, muito saudável, muito bonito, que está acontecendo, que é o interesse do público pra essas coisa</i>
	<i>e a televisão não é burra...</i>	<i>E a televisão não é burra</i>
	<i>e se interessa por dinheiro</i>	<i>e se interessa por dinheiro</i>
	<i>e já começam a se preocupar porque eu lá dentro entrei na Globo agora este ano</i>	<i>e já começam a se preocupar, porque eu, lá dentro, entrei na Globo agora, este ano...</i>

A grande quantidade de MDs *e* mantidos no processo de retextualização com a função de progressão tópica demonstra a produtividade do elemento nessa função, independentemente de o texto ser veiculado pela escrita ou pela oralidade.

No quadro 2 a seguir, observamos a síntese dos resultados obtidos com todos os MDs predominantemente textuais mantidos.

**Quadro 02: Síntese das funções exercidas pelos MDs predominantemente textuais mantidos no texto retextualizado**

MD/Função	Introdução de tópico	Seqüenciamento de tópico	Retomada de tópico	Fechamento de tópico	Total de ocorrências
<i>agora</i>	3	37	11	-	51
<i>aí</i>	1	88	-	-	89
<i>bom</i>	-	-	13	-	13
<i>e</i>	12	164	18	-	194
<i>e aí</i>	-	34	02	-	36
<i>então</i>	-	30	68	12	110
<i>mas</i>	-	13	11	03	27
<i>quer dizer</i>	-	08	-	-	8
TOTAL	16	374	123	15	528

O que se observa, então, é que a função de *sequenciamento tópico* é a que mais se sobressai para os MDs predominantemente textuais mantidos no processo de retextualização, enquanto a de *introdução* e *fechamento de tópico* são as funções menos frequentes para essa mesma classe de MDs.

A função que mais se destaca entre os MDs predominantemente textuais suprimidos é a de *sequenciamento tópico*, e as menos frequentes são as de *introdução* e *de fechamento tópico*, tal como verificado para o comportamento dos MDs predominantemente textuais mantidos no processo de retextualização, com a diferença de que um número sutilmente maior de MDs são atingidos por essa estratégia.

Um exemplo de MD suprimido está em (02):

(02) Entrevista oral	Entrevista retextualizada
O.N.: ele me olhou espantado nunca pediu pra afundar uma praça enorme quatro metros... mas ele fez... então a praça hoje a praça do Havre você anda... pela calçada está vendo a praça embaixo... você é convidado a descer porque tem um um teatro dentro da praça <b>então</b> o sujeito desce e vê a praça... então é uma praça diferente eu não conheço e acho que não existe no mundo uma praça que tenha proporção ( )... e ela foi tombada na França	O.N.: Ele me olhou espantado. Nunca lhe pediram pra afundar uma praça enorme 4 metros. Mas ele fez. Então, na praça do Havre, você anda pela calçada e está vendo a praça embaixo. Você é convidado a descer porque tem um teatro dentro dela, Ø o sujeito desce e vê a praça. Então é uma praça diferente, não conheço outra no mundo. Ela foi tombada.

(ON, 112, p. 35)

No exemplo anterior o MD *então* é suprimido do texto retextualizado sem que a proposição em que o elemento atua sofra modificações substantivas. Colabora para essa eliminação o fato de haver antes e depois do MD retirado outros MDs *então*, o que justifica a eliminação como forma de não fazer uso de um mesmo elemento repetidas vezes.

O Quadro 3 abaixo traz um resumo das funções dos MDs predominantemente textuais que foram suprimidos do texto retextualizado.

**Quadro 03: Síntese das funções exercidas pelos MDs predominantemente textuais suprimidos no texto retextualizado**

MD/Função	Introdução de tópico	Seqüenciamento de tópico	Retomada de tópico	Fechamento de tópico	Total de ocorrências
<i>agora</i>	1	2	2	-	5
<i>ai</i>	-	20	2	-	22
<i>bom</i>	-	9	2	-	11
<i>e</i>	3	40	2	2	47
<i>e ai</i>	-	5	1	-	6
<i>então</i>	-	25	3	1	29
<i>mas</i>	-	3	1	-	4
<i>olha</i>	-	1	-	-	1
<i>quer dizer</i>	-	8	-	-	8
TOTAL	4	113	13	3	133

Desse modo, a escala abaixo reproduz a hierarquização das funções textuais exercidas tanto pelos MDs predominantemente textuais mantidos quanto pelos suprimidos no processo de retextualização.

**Quadro 04: Escala hierárquica de função de MDs predominantemente textuais mantidos e suprimidos no texto retextualizado**

<i>Seqüenciamento de tópico &gt; retomada de tópico &gt; introdução de tópico &gt; fechamento de tópico</i>
---

Com relação aos MDs predominantemente interacionais, a susceptibilidade à supressão é maior do que à manutenção, como previa nossa hipótese, mas encontramos, de todo modo, MDs predominantemente interacionais mantidos. As ocorrências (03) e (04) ilustram a manutenção desses MDs:



(03)	Entrevista oral	Entrevista retextualizada
	C.A.: ele já tinha entregado um CD vazio <b>né?</b> F.C.G.: é mas o CD vazio porque ele quis fazer um teste pra ver se o dinheiro estava lá C.A.: ah::: F.C.G.: porque aí o cara viu o CD e falou “o CD está aqui” “ah o dinheiro está aqui”... aí ele falou “não então tem outro aqui” porque se fosse uma armação de polícia flagrante não sei que “não mas eu estou entregando um CD vazio meu irmão”...	C.A.: Ele já tinha entregado um CD vazio, <b>né?</b> F.C.G.: Mas o CD vazio foi pra fazer um teste e ver se o dinheiro estava lá. Porque aí o cara viu o CD e falou: “O CD tá aqui, e o dinheiro tá aqui”. “Então tem outro aqui.” Porque, se fosse uma armação de polícia, flagrante: “Isso aqui não é nada, é um CD vazio”.
		(FCG, 115, p. 36)

(04)	Entrevista oral	Entrevista retextualizada
	C.A.: o senhor é otimista com relação ao futuro da::... O.N.: hein? C.A.: do país o futuro do Brasil? o senhor é um otimista com relação ao bom futuro do Brasil? O.N.: eu sou porque a maioria é que vai comandar <b>não é?</b> ... eles estão com FOME não têm dinheiro um dia a coisa muda <b>não é?</b> ... e a gente tem que estar preparada para quando tiver uma chance disso como teve Fidel... livrando::... Cuba não é?...	C.A.: O senhor é otimista com relação ao futuro do país? O.N.: Eu sou porque é a maioria que vai comandar, <b>não é?</b> Eles estão com fome, não têm dinheiro, um dia a coisa muda, <b>não é?</b> E a gente tem que estar preparada para quando tiver a chance disso, como teve Fidel livrando Cuba.
		(ON, 112, p. 34)

Ambos os MDs *né?* e *não é?* são responsáveis pelo avanço da interação. Em (03), o entrevistador demonstra, pelo uso do *né?* ao final da pergunta, que deseja que o entrevistado continue desenvolvendo a idéia exposta. Já em (04), o entrevistado, ao valer-se do MD *não é?* entre o encadeamento de seus argumentos, busca pela aprovação discursiva de seu interlocutor para continuar a desenvolver sua resposta. Ao serem mantidos no texto retextualizado, esses MDs remetem à situação da produção original, o texto oral, na tentativa de manter a situação de produção textual.

O Quadro 5 mostra o resumo das funções dos MDs predominantemente interacionais mantidos.

**Quadro 05: Síntese das funções exercidas pelos MDs predominantemente interacionais mantidos no texto retextualizado**

MD/Função	<i>Checking</i>	Injuntiva	Iniciadora	Total de ocorrências
<i>bom</i>	-	-	07	07
<i>não é?</i>	10	-	-	10
<i>né?</i>	34	-	-	34
<i>olha</i>	-	33	-	33
TOTAL	44	33	07	84

A função de *checking* é a que se destaca dentre os MDs predominantemente interacionais mantidos no texto retextualizado, o que se explica pelo fato de dois dos quatro MDs que se enquadram neste caso (*não é?* e *né?*) concentrarem-se nessa função, enquanto os dois outros, *bom* e *olha* dividem-se entre as funções iniciadora e injuntiva, respectivamente.

Associamos a manutenção desses MDs com a tentativa do retextualizador de transferir a situação de produção da entrevista face a face para o texto retextualizado, embora possivelmente reconheça nesses MDs marcas típicas da oralidade, uma vez que o total de MDs predominantemente interacionais suprimidos é bastante superior ao de mantidos. O fato de o MD *né?* ser o mais suprimido explica-se pelo seu status de forma mais semanticamente vazia do que *não é*, por exemplo.

A supressão de MDs predominantemente interacionais ocorre em número bastante superior ao de manutenção. Esse fato aponta para uma maior associação, por parte do retextualizador, dos MDs predominantemente interacionais com a situação de interação face a face. Em (05) podemos observar um exemplo de supressão:

(05) Entrevista oral	Entrevista retextualizada
C.A.: e as pessoas que estão nessa situação devem optar pelo que a senhora acha? L.E.: <b>olha</b> eu acho que a gente tem que construir aquele novo ciclo histórico social	C.A.: E as pessoas que estão nessa mesma situação devem optar pelo que, a senhora acha? L.E: Acho que temos que construir aquele novo ciclo histórico social.

(LE, 118, p. 22)

O MD *olha*, por ter aspecto de injunção voltada para o interlocutor, é muitas vezes suprimido em virtude das transformações que o texto retextualizado sofre visando à idealização lingüística, tal como prevê Marcuschi (2001). Assim é que sua ausência no texto retextualizado não causa alteração no sentido do texto, apenas abranda a explicitação de uma interação face a face.

O Quadro 6 sintetiza as funções desses MDs suprimidos no texto retextualizado.

**Quadro 06: Síntese das funções exercidas pelos MDs predominantemente interacionais suprimidos no texto retextualizado**

MD/Função	<i>Checking</i>	Injuntiva	Iniciadora	Total de ocorrências
<i>bom</i>	-	-	06	06
<i>não é?</i>	38	-	-	38
<i>né?</i>	118	-	-	118
<i>olha</i>	-	19	-	19
TOTAL	156	19	06	181

O Quadro 7 a seguir demonstra a relação hierárquica entre as funções encontradas para os MDs predominantemente interacionais, tanto mantidos como suprimidos no processo de retextualização:

**Quadro 07: Escala hierárquica de funções dos MDs predominantemente interacionais mantidos e suprimidos no texto retextualizado**

<i>checking</i> > <i>injuntiva</i> > <i>iniciadora</i>
--

Com o trabalho que realizamos até aqui não pretendemos ter chegado a uma resposta definitiva para o comportamento dos MDs no processo de retextualização de

entrevistas, mas pretendemos ter oferecido uma descrição que contribui para o melhor entendimento da atuação de MDs no processo de retextualização.

### **Considerações finais**

No confronto das transcrições das entrevistas originais e de sua contraparte retextualizada nas publicações, tratamos dos casos de MDs mantidos e de MDs suprimidos no processo de retextualização. Da análise do processo de retextualização, os resultados apontaram para uma forte tendência de manutenção dos MDs predominantemente textuais, atuantes principalmente como sequenciador tópico, e da supressão de MDs predominantemente interacionais. Além disso, pudemos constatar que a motivação para a supressão ou manutenção de MDs no processo de retextualização das entrevistas está mais relacionada com as modificações no contexto de ocorrência dos elementos decorrentes do processo do que com o tipo de MD em si.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

GUERRA, A. R. *Funções textual-interativas dos marcadores discursivos*. 2007. Dissertação. (Mestrado em Estudos Linguísticos ) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, 2007.

JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil I: Construção do texto falado*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006a.

\_\_\_\_\_. Revisitando a noção de tópico discursivo. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 48, n. 1, p. 33-41, 2006b.

\_\_\_\_\_. Uma gramática textual de orientação interacional. In: CASTILHO, A. T. et al. (Orgs.). *Descrição, história e aquisição do Português Brasileiro: estudos dedicados a Mary Aizawa Kato*. São Paulo: FAPESP; Campinas: Pontes Editores, 2007. p. 313-327.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

PENHAVEL, E. Sobre as funções dos Marcadores Discursivos. *Estudos linguísticos*, Campinas, v. 34, p. 1296-1301, 2005a.

\_\_\_\_\_. *Multifuncionalidade e níveis de análise: o papel do conectivo e na organização do discurso*. 2005. Dissertação. (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, 2005b.

RISSE, M. S. Aspectos textuais-interativos dos marcadores discursivos de abertura *bom, bem, olha, ah*, no português culto falado. In : NEVES, M.H.M. (Org.). *Gramática do português falado VII: Novos Estudos*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999. p. 259-296.

RISSE, M. S. et al. Marcadores discursivos: traços definidores. In: KOCH, I. G. V. (Org.). *Gramática do português falado VI: Desenvolvimentos*. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1996. p. 21-94.

\_\_\_\_\_. Traços definidores dos marcadores discursivos. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil I: Construção do texto falado*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. p. 403-425.